

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6114 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

### O CUIDADO DE SI EM MICHEL FOUCAULT: UMA ANÁLISE DA OBRA O PEQUENO PRÍNCIPE

Mônica Maria Baruffi - CENTROS UNIVERSITÁRIOS

Kevin Daniel dos Santos Leyser - FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau

Luciana Fiamoncini Frainer - FURB - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

### O CUIDADO DE SI EM MICHEL FOUCAULT: UMA ANÁLISE DA OBRA O PEQUENO PRÍNCIPE

Este artigo tem por objetivo resgatar, a partir da aula apresentada por Foucault em 6 de janeiro de 1982 (*Hermenêutica do Sujeito*), o sentido do cuidado de si, verificando os caminhos possíveis para seu desenvolvimento e reconhecimento (FOUCAULT, 2010). Este conceito foi subjugado por muito tempo pelo conhecimento de si, apresentado pelos filósofos gregos.

Para que esta análise fosse possível, foram utilizadas algumas passagens da obra *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry (1984), cuja leitura desencadeou reflexões acerca do cuidado de si. Busca-se, a partir destes escritos, discutir sobre a desqualificação do cuidado de si em proveito do conhecimento de si com a moral moderna, o momento cartesiano e o envolvimento do eu no cotidiano.

O embasamento teórico que deu suporte a esta discussão foi feito com o apoio de obras de autores já consagrados, que pesquisam sobre o tema e as bases de compreensão do homem mediante o entendimento postulado por Foucault (2010, 2014b) no tocante ao cuidado de si. Dentre eles citamos Hadot (2010) e Muchail (2011).

Quanto à metodologia adotada para este estudo, optou-se pela pesquisa bibliográfica. No entendimento de Medeiros (2000) a pesquisa bibliográfica constitui-se em fonte secundária. É aquela que busca o levantamento de livros e revistas de relevante interesse para a pesquisa que será realizada. A pesquisa bibliográfica visa conhecer e aprofundar-se na literatura já existente sobre o tema escolhido e a partir de então formular uma proposta ou uma problemática para o assunto.

O livro que, neste artigo, impulsiona a discussão sobre o cuidado de si, *O Pequeno Príncipe*, foi escrito no ano de 1943 pelo autor Antoine de Saint-Exupéry, cuja vida foi marcada por venturosas atividades. Seu espírito empreendedor levou-o a administrar seu tempo e, dentre tantas tarefas por ele executadas, escrever diversos livros que relatam suas

vivências no período em que foi aviador, dentre eles, *O Pequeno Príncipe*, que será utilizado como base para analisar a necessidade do cuidado de si.

Já no início da obra, Saint-Exupéry dedica “os escritos para uma pessoa grande, que consegue compreender todas as coisas, até mesmo os livros de crianças.” (1984, p. 3). Nesta passagem, encontram-se marcas filosóficas importantes para a análise, pois a obra literária nos remete, a partir daí, a refletir sobre a subjetividade que o ser-criança perde ao tornar-se adulto. Esta perda cria lacunas entre o que fomos, o que estamos sendo e o que ainda seremos. A essência humana transforma-se, portanto. Posto que, no contexto do artigo utilizam-se algumas das situações ocorridas na obra, em que o autor é o aventureiro de si mesmo, para tratarmos do cuidado de si em Foucault (2014b), trataremos também do conceito de “Devir”.

Para falar do conhece-te a ti mesmo e do cuidado de si, faz-se necessário apresentar brevemente Michel Foucault. Nascido em Poitiers, França, em 1926, foi um grande filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre *Collège de France*. Formado em Filosofia e Psicopatologia, inúmeras são suas obras publicadas, dentre elas *História da Loucura* (2003), *A Arqueologia do Saber* (1987), *A Hermenêutica do Sujeito* – curso dado no *Collège de France* (1981-1982) (2010), dentre outros. Faleceu em 25 de junho de 1984.

Dentre seus escritos, a obra que conduzirá este estudo é *A Hermenêutica do Sujeito* (FOUCAULT, 2010), no qual são encontradas na íntegra suas aulas no *Collège de France*. De grande densidade filosófica, a obra instiga quem o lê e desencadeia inúmeras problemáticas passíveis de discussões importantes na filosofia.

Para este artigo, o enfoque será dado na primeira aula apresentada no curso, realizada no dia 6 de janeiro de 1982. Nesta aula, Michel Foucault (2010) tece uma brilhante discussão acerca da ideia do “conhece-te a ti mesmo” e “cuidado de si”.

Ambos os conceitos, conforme o próprio autor afirma, foram muito utilizados na cultura grega. Para Foucault (2010), o estudo desta temática envolve uma complexa noção de “*epiméleia heautou*”, termo esse que representa um importante fato na história da filosofia, pois apesar de ter constituído pilares importantes na filosofia antiga, foi esquecida na modernidade, tornando-se um fenômeno quase inexistente em nossa sociedade. Foucault foi o responsável por recuperar esta noção, destacando a importância que o cuidado de si alcançou durante um período de mais de mil anos de história.

Nesta perspectiva, os conceitos de “conhece-te a ti mesmo” e de “cuidado de si” são as bases para analisar o que nos apresenta Saint-Exupéry (1984, 1986). A primeira análise decorre da passagem na qual o Pequeno Príncipe solicita a Saint-Exupéry que desenhe um carneiro. Este animal estava muito presente na sua infância, pois em sua casa, nos jardins, havia inúmeros com os quais ele brincava. No momento inicial Saint-Exupéry não sabia se desenhava ou deixava o príncipezinho isolado, mas isso deixou-o intrigado, pois ele se via neste Pequeno Príncipe quando criança, quando indagava os adultos e estes nada lhe respondiam. Assim, percebeu-se diante de si mesmo com as perguntas que muitas vezes fazia quando criança, e que agora o desestabilizavam enquanto adulto.

Com a leitura da obra *A Ética do cuidado de si como prática da liberdade*, Foucault (2014b, p. 279) pondera:

Não acredito que o único ponto de resistência possível ao poder político – entendido

justamente como estado de dominação – esteja na relação consigo mesmo. Digo que a governabilidade implica a relação consigo mesmo, o que significa justamente que, nessa noção de governabilidade, visto ao conjunto de práticas pelas quais é possível constituir, definir, organizar, instrumentalizar as estratégias que os indivíduos em sua liberdade, podem ter uns em relação aos outros.

Quanto ao termo “conhece-te a ti mesmo”, Foucault o apresenta a partir de escritos de Platão em *A Apologia de Sócrates*, nos quais estão descritas as falas de Sócrates em seu julgamento. Para Foucault (2010, p. 7), Sócrates foi como: “[...] aquele que essencialmente, fundamental e originariamente, tem por função, ofício e encargo incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a terem cuidados consigo e a não descuidarem de si”.

Esta máxima de Sócrates, apresentada por Foucault, remete à viagem que o Pequeno Príncipe realiza pelos planetas, sendo que no primeiro deles, ele encontra a figura do Reizinho Mandão, que, sozinho em seu trono, diz ao Pequeno Príncipe que o tornaria ministro da justiça. O Pequeno Príncipe o indaga: “- Mas não há ninguém aqui para ser julgado!”. O Reizinho respondeu-lhe: “- Tu julgarás a ti mesmo – É o mais difícil. É bem mais difícil julgar a si mesmo que julgar aos outros. Se consegues julgar-te bem, és um verdadeiro sábio”. (SAINT-EXUPÉRY, 1984, p. 39).

Com este diálogo, percebe-se que o que o que Sócrates buscava nos apresentar era a possibilidade da autoavaliação, buscando respostas quanto a nossa maneira de ver o mundo e de ver a si mesmo. É a partir desta autoavaliação que se consegue conhecer a si mesmo e poder, destarte, ajudar o outro. De acordo com Foucault (2010, p. 9), para que se possa cuidar do outro, é preciso cuidar de si mesmo antes. “O cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o movimento do primeiro despertar. Situa-se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que sai do sono e se alcança a luz primeira: [...] ocupar-se consigo mesmo”. Depreende-se, portanto, que para Foucault (2010, p. 14) “a *epiméleia heautou* (cuidado de si mesmo) é uma atitude para consigo, para com os outros, para com o mundo”.

Para Sócrates, o bem consiste no proveito de todos. O homem, agindo pelo interesse comum, ganha também a própria felicidade, que reside precisamente na consciência do agir de acordo com a justiça, no domínio de si mesmo e dos próprios impulsos. Para Sócrates, é “virtuoso quem é sábio e pratica o bem; ao contrário, quem não conhece o bem e não o pratica é infeliz. Aqueles que praticam o mal fazem-no por ignorância. Portanto, a origem de todos os males está na ignorância”. (SCIACCA, 1995, p. 79).

Esta afirmação pode ser observada na passagem em que o Pequeno Príncipe auxilia a Rosa com seus cuidados, mesmo que a mesma lhe informe ser a única de sua espécie e ao realizar sua viagem descobre que não eram verdadeiras suas palavras. “Eis que havia cinco mil, iguaizinhas, num só jardim!”. (SAINT-EXUPÉRY, 1984, p. 62). Mesmo assim, o Pequeno Príncipe consegue refletir e percebe que não podemos deixar de amar todas as rosas pelo simples fato de ter sido espetado por uma delas.

Respeitar o outro, em sua essência, com seus defeitos, suas mazelas, nos leva a acreditar que mesmo existindo o preconceito, a discriminação, não podemos deixar de acreditar no outro, isso não significa que todas as pessoas sejam iguais. Foucault (2010) entende que o papel do filósofo é problematizar a relação do homem consigo mesmo para mostrar que este não é uma essência ou uma identidade definitiva, e que não se pode acreditar que ele é o que dizem que é, sobretudo, que se podemos nos constituir e modificar permanentemente.

Desta forma, Foucault conduz a reflexão do motivo pelo qual o cuidado de si foi

deixado de lado, dando-se, assim, maior ênfase ao “conhece-te a ti mesmo” dentro da história. Diante deste questionamento, Foucault apresenta algumas proposições que podem elucidar tal substituição. De acordo com o autor, é a partir desta injunção de “ocupar-se consigo mesmo” que se constituíram as mais rigorosas e restritivas morais que o Ocidente conheceu, as quais não devem ser atribuídas ao cristianismo, porém a moral dos primeiros séculos antes de nossa era e do começo dela (moral estoica, moral cínica e, até por certo ponto, também moral epicurista). Tem-se, portanto, colocado o paradoxo de um preceito do cuidado de si que, para nós, mais significa egoísmo ou volta sobre si e que, durante tantos séculos, foi, ao contrário, um princípio matricial relativo a morais extremamente rigorosas.

Ainda sobre o tema, Foucault (2010, p. 17-18) contempla outro paradoxo que também é preciso evocar a fim de explicar a maneira como esta noção de cuidado de si, de certo modo, perdeu-se. Este paradoxo reside no fato de que esta moral tão rigorosa, advinda do princípio “ocupa-te-contigo mesmo” foram por nós retomadas e efetivamente aparecerão ou reaparecerão, quer na moral cristã, quer na moral moderna não-cristã, porém, com uma perspectiva diferente. Estas regras austeras, cuja estrutura do código permaneceu idêntica, foram por nós reaclaratadas, transpostas, transferidas para o interior de um contexto que é o de uma ética geral do não-egoísmo, seja sob a forma cristã de uma obrigação de renunciar a si, seja sob a forma “moderna” de uma obrigação para com os outros – quer o outro, quer a coletividade, quer a classe, quer a pátria, etc. Portanto, todos estes temas, todos estes códigos do rigor moral, nascidos que foram no interior daquela paisagem tão fortemente marcada pela obrigação de ocupar-se consigo mesmo, vieram a ser assentados pelo cristianismo e pelo mundo moderno numa moral do não-egoísmo.

Fonseca (2011, p. 186-187) contribui com a discussão ao apontar que o mesmo não ocorreu no pensamento antigo, em que as exigências de austeridade se dão em relação às condutas que não estão prescritas por meio de interdições, sejam elas civis, sociais ou religiosas. Aqui, a austeridade moral cria um espaço de atenção moral independente das prescrições codificadas. Mesmo relacionando-se às esferas da experiência, refere-se a dimensões delas em que não há a incidência de interdições que proibam ou restrinjam os atos. É precisamente em relação às condutas em que há liberdade de ação do indivíduo que as propostas de austeridade moral são elaboradas. Elas dizem respeito a práticas de prazeres que não são condenados.

Depreende-se, assim, que Foucault acredita serem estas algumas das razões que levaram o cuidado de si ser esquecido, “acabando por desaparecer para os historiadores.” (FOUCAULT, 2010, p. 18). A partir destes paradoxos, Foucault apresenta sua ideia principal ao que diz respeito ao problema da verdade e da história da verdade, que está relacionado com o “movimento cartesiano”, o qual levou a desvalorização do *epiméleia heautou* (cuidado de si).

Esta desvalorização deixava em aberto a ideia grega da cultura de si, a qual era um modo de vida que se organizava no trabalho pela *áskesis* (ascese) para a formação do sujeito ético. Na obra *A Hermenêutica do Sujeito* (2010), referente a esta prática, afirma-se que para que o sujeito possa transformar-se para ter acesso à verdade há que se fazer um intenso trabalho. “Trabalho de si para consigo, elaboração de si para consigo, transformação progressiva de si para consigo em que se é o próprio responsável por um longo labor que é o da ascese (*áskesis*)”. (FOUCAULT, 2010, p. 20).

Além da *áskesis*, Foucault (2010, p. 20) nos apresenta o *éros*, (amor) o qual “arranca o sujeito de seu status e de sua condição atual (movimento de ascensão do próprio sujeito, movimento pelo qual, ao contrário, a verdade vem até ele e o ilumina).”

Para Foucault a *áskesis* e o *éros* são essenciais para que se possa ter um sujeito criador

de si, sem a sujeição a política moral, pois como afirma, “não é uma maneira de submeter o sujeito à lei: é uma maneira de ligar o sujeito à verdade”. (FOUCAULT, 2010, p. 383).

Nesta perspectiva, a obra de Saint-Exupéry (1984) revela esta busca incessante do sujeito relacionado à transformação, ao conhecimento, do perceber-se neste mundo no qual as situações/ações transformam-se de maneira rápida e acabam sufocando no sujeito seus sonhos, seus anseios, seus desejos mais profundos, em detrimento de um conhece-se a si mesmo, sem existir um cuidado de si inicial.

Reportando o ensinamento de Foucault (2010), a *áskesis*, entre os antigos, tinha o sentido de uma preparação para o acontecimento da vida, a *paraskheué*, conforme escreve Foucault sobre esta prática de si: “Esta formação, esta armadura se quisermos, armadura protetora em relação ao resto do mundo, a todos os acidentes ou acontecimentos que possam produzir-se, é o que os gregos chamavam de *paraskheué*” (FOUCAULT, 2010, p. 115).

Assim, Foucault (2014a, p. 282) afirma que a “*áskesis* é um conjunto de práticas pelas quais o indivíduo pode adquirir, assimilar a verdade e transformá-la em um princípio de ação permanente. A *aletheia* torna-se o *ethos*. É um processo de intensificação da subjetividade”.

Esta ação de não-cuidado de si leva o sujeito, na modernidade, a criar falsa realidade, como ocorre, por exemplo, com um homem embriagado, que busca sua fuga através de um vício, ou ainda no caso de um homem de negócios, que estando completamente envolto pelos cálculos, esquece-se do lazer.

Para Foucault,

essas regras e valores são explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito, mas acontece também de elas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias. (FOUCAULT, 1998, p. 26).

Foucault ainda esclarece que durante todo este período que chamamos de Antiguidade, a questão filosófica “como ter acesso à verdade” e a “prática de espiritualidade” (as transformações necessárias no ser mesmo do sujeito que permitirão o acesso à verdade) são duas questões, dois temas que jamais estiveram separados. (FOUCAULT, 2010, p. 21).

Nesta perspectiva, o cuidado de si deixa de existir, dando lugar ao modelo cartesiano, no qual tudo precisa ser colocado à prova, excluindo o cuidado de si do pensamento filosófico moderno. Assim, Foucault (1998, p. 218) aponta que

a exigência de austeridade implicada pela constituição desse sujeito senhor de si mesmo não se apresenta sob a forma de uma lei universal, à qual cada um e todos deveriam se submeter; mas, antes de tudo, como um princípio de estilização da conduta para aqueles que querem dar à sua existência a forma mais bela e mais realizada possível.

Com base nas informações trazidas neste estudo pode-se afirmar no trato com o cuidado de si, Foucault (2010, p. 14) afirma que ainda é necessária uma “certa forma de

atenção, de olhar”. Este olhar que, para o autor, é necessário, significa realizar uma introspecção, na qual é preciso “converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc., para “si mesmo”. Isso nos leva a perceber que Saint-Exupéry (1984, 1986) foi levado a autoconhecer-se, a autoavaliar-se, refletindo sobre seus pensamentos e ações. Frente a isso, é importante ressaltar que o cuidado de si, para Sócrates, não possuía um teor proibitivo: “ocupar-se consigo mesmo” tem sempre um sentido positivo, jamais negativo.” (FOUCAULT, 2010, p. 17).

Logo, o termo *askésis* designava um conjunto de práticas que a cultura de si comportava. O objetivo destas práticas justifica-se pelo fato de que devemos nos exercitar de modo a aprender, exclusivamente, aquilo que permitirá resistir aos acontecimentos que podem se produzir.

Destaca-se, portanto, que os símbolos escolhidos por Antoine de Saint-Exupéry (1984) remetem a um significado, valor ou sentido, porém essa escolha para ele tem um sentido único, visto que os símbolos são uma forma de representação mental, relacionados com o passado do autor. “O simbolismo é uma ciência exata e não um livre devaneio no qual as fantasias individuais podem ter livre curso.” (CIRLOT, 2005, p. 1).

**PALAVRAS-CHAVE:** Conhecimento de si. Cuidado de si. Ressignificação. Ética. Identidade.

## REFERÊNCIAS

CIRLOT, J-E. **Dicionário de símbolos**. Trad. de Rubens Eduardo Ferreira Frias. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

FONSECA, M. A. da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ, 2011.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **História da loucura**. Trad. de José Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2003.

FOUCAULT, M. **Hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos, volume IX:** genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Trad. de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2014a.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, M. **Ditos & escritos V.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b, p. 279

HADOT, P. **O que é filosofia antiga.** São Paulo: Loyola, 2010.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica:** a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2000.

MUCHAIL, S. T. **Foucault, mestre do cuidado:** textos sobre “A hermenêutica do sujeito”. São Paulo: Loyola, 2011.

SAINT-EXUPÉRY. A. de. **O Pequeno príncipe.** São Paulo, 1984.

SAINT-EXUPÉRY. A. de. **As cartas do pequeno príncipe.** Trad. de Magda Soares Guimarães. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

SCIACCA, M. F. **História da filosofia.** São Paulo: Melhoramentos, 1995.